

RE-36-68

Lisboa, 16 de Abril de 1968

Meu Caro Jorge de Sena

Só hoje encontro tempo para deixar os cartõezinhos e escrever-lhe mais demoradamente à cerca do número e do resto.

Entretanto, recebi tudo o que me mandou e hoje, mesmo, o seu autógrafo e a carta de 6 de Abril. Espero que tenha recebido já as provas de todos os seus textos que, conforme me pediu, lhe envio para correcção. Pedia-lhe a máxima urgência na devolução.

Eis como está o número: nota de abertura; Artigos: "A Poesia de Jorge de Sena" do Ramos Rosa (já composto e já aprovado na íntegra pela Censura); Jorge de Sena e os Demónios" do Eduardo Lourenço (está na tipografia) e o prometido artigo do Luís Francisco Rebello que ele ainda me não entregou, mas que espero de um dia para o outro. Além disso haverá um quarto artigo do João Rui de Sousa ("Jorge de Sena e a Cultura Nacional") pois ele acabou por dar essa forma ao depoimento que lhe tinha sido pedida. Sem grande esperança, aguardo também o da Maria de Lourdes Belchior, embora ela não tenha querido assumir compromissos, por questão de tempo e muitas ocupações.

Vem depois a secção de Antologia, onde, com grande pena minha, não foi possível incluir poemas da "Arte da Música", dado que o livro sairá antes da Revista. Vem assim "Os Sete Sonetos da Visão Perpétua", o "Minotauro" e o "Colóquio Sentimental" como poesia, "O Bom Pastor" e o capítulo do Romance como prosa. Está tudo neste momento na Censura, excepto o "Colóquio" que já veio e sem cortes. Confesso-lhe que tremo pelo "Bom Pastor" (cuja contida violência qua por todos os poros) e pelo "Minotauro". Gostei muito também do texto sobre a aparição da Poesia que encontra em mim alguns dos melhores ecos do "Malte" e das origens das Elegias de Duíño.

A entrevista veio da Censura com os cortes que lhe apon-

[p.1]

Lisboa, 16 de Abril de 1968

Meu Caro Jorge de Sena

Só hoje encontro tempo para deixar os cartõezinhos e escrever-lhe mais demoradamente à cerca do número e do resto.

Entretanto, recebi tudo o que me mandou e hoje, mesmo, o seu autógrafo e a carta de 6 de Abril. Espero que tenha recebido já as provas de todos os seus textos que, conforme me pediu, lhe envio para correcção. Pedia-lhe a máxima urgência na devolução.

Eis como está o número: nota de abertura; Artigos: "A Poesia de Jorge de Sena" do Ramos Rosa (já composto e já aprovado na íntegra pela Censura); Jorge de Sena e os Demónios" do Eduardo Lourenço (está na tipografia) e o prometido artigo do Luís Francisco Rebello que ele ainda me não entregou, mas que espero de um dia para o outro. Além disso haverá um quarto artigo do João Rui de Sousa ("Jorge de Sena e a Cultura Nacional") pois ele acabou por dar essa forma ao depoimento que lhe tinha sido pedido. Sem grande esperança, aguardo também o da Maria de Lourdes Belchior, embora ela não tenha querido assumir compromissos, por questão de tempo e muitas ocupações.

RE-35-68

Lisboa, 16 de Abril de 1968

Meu Caro Jorge de Sena

Só hoje encontro tempo para deixar os cartões e escrever-lhe mais demoradamente acerca do número e do resto.

Entretanto, recebi tudo o que me mandou e hoje, mesmo, o seu autógrafo e a carta de 6 de Abril. Espero que tenha recebido já as provas de todos os seus textos que, conforme me pediu, lhe envio para correcção. Pedia-lhe a máxima urgência na devolução.

Eis como está o número: nota de abertura; Artigos: "A Poesia de Jorge de Sena" do Ramos Rosa (já composto e já aprovado na íntegra pela Censura); Jorge de Sena e os Demónios" do Eduardo Lourenço (está na tipografia) e o prometido artigo do Luís Francisco Rebelo que ele ainda me não entregou, mas que espero de um dia para o outro. Além disso haverá um quarto artigo do João Rui de Sousa ("Jorge de Sena e a Cultura Nacional") pois ele acabou por dar essa forma ao depoimento que lhe tinha sido pedida. Sem grande esperança, aguardo também o da Maria de Lourdes Belchior, embora ela não tenha querido assumir compromissos, por questão de tempo e muitas ocupações.

Vem depois a secção de Antologia, onde, com grande pena minha, não foi possível incluir poemas da "Arte da Música", dado que o livro sairá antes da Revista. Vem assim "Os Sete Sonetos da Visão Perpétua", o "Minotauro" e o "Colóquio Sentimental" como poesia, "O Bom Pastor" e o capítulo do Romance como prosa. Está tudo neste momento na Censura, excepto o "Colóquio" que já veio e sem cortes. Confesso-lhe que tremo pelo "Bom Pastor (cuja contida violência qua por todos os poros) e pelo "Minotauro". Gostei muito também do texto sobre a aparição da Poesia que encontra em mim alguns dos melhores ecos do "Malte" e das origens das Elegias de Duíno.

A entrevista veio da Censura com os cortes que lhe apon-

[cont. p.1]

Vem depois a secção de Antologia, onde, com grande pena minha, não foi possível incluir poemas da "Arte da Música", dado que o livro sairá antes da Revista. Vem assim "Os Sete Sonetos da Visão Perpétua", o "Minotauro" e o "Colóquio Sentimental" como poesia, "O Bom Pastor" e o capítulo do Romance como prosa. Está tudo neste momento na Censura, excepto o "Colóquio" que já veio e sem cortes. Confesso-lhe que tremo pelo "Bom Pastor (cuja contida violência qua por todos os poros) e pelo "Minotauro". Gostei muito também do tecto sobre a aparição da Poesia que encontra em mim alguns dos melhores ecos do "Malte" e das origens das Elegias de Duíno.

A entrevista veio da Censura com os cortes que lhe apon-

tei nas provas e que são saborosos. Como vê, a preocupação pudibunda prevalece, neste caso, sobre a política e os zelosos guardadores da ordem pública zelam com não menos amor pela moral constituída. Aliás é sobre esse signo que se tem processado algumas das últimas e mais divertidas guerras locais: um colóquio público sobre a sexualidade foi torpedeado na última sessão por grupos histéricos da extrema-direita e campanhas da "Voz" e das "Novidades" aguardamos as mais terríveis reacções ao nosso caderno sobre o casamento que está de facto explosivo e por isso mesmo sai como caderno e não como número. Como se diz num artigo intitulado "Alerta" os inimigos da Pátria vendo que a não podem destruir pela subversão política, tentam agora a subversão moral e dos costumes e da família. Contra tais manobras há que ser impiedoso e daí que os seus remoques nesse campo tenham sido abatidos com tanta ferocidade. Tam gente é de facto indigna de viver, como ainda recentemente o lembrara um dos nossos deputados na Assembleia Nacional.

Além desses cortes, também o seu curriculum vitae levou bicadas: banida a malévola referência ao Cardeal-Arcebispo de Bombaim; banida a alusão à fome ("doença grave que era também fome") pois só um espírito tortuoso se atreveria a dizer que alguém passou ou passa fome neste país; banido o período que diz que a prolífica loucura nada tem que ver com preconceitos de ordem religiosa (já era demais chamar-lhe loucura, ainda por cima afirmava que não havia motivos religiosos para ela); banida finalmente a pecaminosa esperança que o casal tem que nos E. U. não lhe nasçam mais filhos, como se em coisas dessas os homens tivessem mais que submeter-se à vontade do Altíssimo. Como vê, o curriculum foi bem expurgado das passagens altamente perigosas que podiam levar tantas almas à perdição e ruína moral. E fica ainda com uma boa história para qualquer curriculum futuro.

Quanto ao inquérito, já responderam: José Blanc, Natércia Freire, Salatiê Tavares, Eugénio de Andrade, Ramos Rosa, José Fernandes Fafe, Ruy

[p.2]

tei nas provas e que são saborosos. Como vê, a preocupação pudibunda prevalece, neste caso, sobre a política e os zelosos guardadores da ordem pública zelam com não menos amor pela moral constituída. Aliás é sobre esse signo que se tem processado algumas das últimas e mais divertidas guerras locais: um colóquio público sobre a sexualidade foi torpedeado na última sessão por grupos histéricos da extrema-direita e campanhas da "Voz" e das "Novidades". aguardamos as mais terríveis reacções ao nosso caderno sobre o casamento que está de facto explosivo e por isso mesmo sai como caderno e não como número. Como se diz num artigo intitulado "Alerta" os inimigos da Pátria vendo que a não podem destruir pela subversão política, tentam agora a subversão moral e dos costumes e da família. Contra tais manobras há que ser impiedoso e daí que os seus remoques nesse campo tenham sido abatidos com tanta ferocidade. Tam gente é de facto indigna de viver, como ainda recentemente o lembrara um dos nossos deputados na Assembleia Nacional.

Além desses cortes, também o seu curriculum vitae levou bicadas: banida a malévola referência ao Cardeal-Arcebispo de Bombaim; banida a alusão à fome ("doença grave que era também fome") pois só um espírito tortuoso se atreveria a dizer que alguém passou ou passa fome neste país; banido o período que diz que a prolífica loucura nada tem que ver com

tei nas provas e que são saborosos. Como vê, a preocupação pudibunda prevalece, neste caso, sobre a política e os zelosos guardadores da ordem pública zelam com não menos amor pela moral constituída. Aliás é sobre esse signo que se tem processado algumas das últimas e mais divertidas guerras locais : um colóquio público sobre a sexualidade foi torpedeado na última sessão por grupos histéricos da extrema-direita e campanhas da "Voz" e das "Novidades" aguardamos as mais terríveis reacções ao nosso caderno sobre o casamento que está de facto explosivo e por isso mesmo sai como caderno e não como número. Como se diz num artigo intitulado "Aleria" os inimigos da Pátria vendo que a não podem destruir pela subversão política, tentam agora a subversão moral e dos costumes e da família. Contra tais manobras há que ser impiedoso e daí que os seus ramos nesse campo tenham sido batidos com tanta ferocidade. Tam gente é de facto indigna de viver, como ainda recentemente o lembra um dos nossos deputados na Assembleia Nacional.

Além desses cortes, também o seu curriculum vitae levou bicadas: banida a malévolos referências ao Cardeal-Arcebispo de Bombaim; banida a alusão à fome ("doença grave que era também fome") pois só um espírito tortuoso se atreveria a dizer que alguém passou ou passa fome neste país; banido o período que diz que a prolífica loucura nada tem que ver com preconceitos de ordem religiosa (já era demais chamar-lhe loucura, ainda por cima afirmava que não havia motivos religiosos para ela!); banida finalmente a pecaminosa esperança que o casal tem que nos E.U. não lhe nasçam mais filhos, como se em coisas dessas os homens tivessem mais que submeter-se à vontade do Altíssimo. Como vê, o curriculum foi bem expurgado das passagens altamente perigosas que podiam levar tantas almas à perdição e ruína moral. E fica ainda com uma boa história para qualquer curriculum futuro.

Quanto ao inquérito, já responderam: José Blanc, Natércia Freire, Salatte Tavares, Eugénio de Andrade, Ramos Rosa, José Fernandes Fafe, Ruy

[cont. p.2]

preconceitos de ordem religiosa (já era demais chamar-lhe loucura, ainda por cima afirmava que não havia motivos religiosos para ela!); banida finalmente a pecaminosa esperança que o casal tem que nos E.U. não lhe nasçam mais filhos, como se em coisas dessas os homens tivessem mais que submeter-se à vontade do Altíssimo. Como vê, o curriculum foi bem expurgado das passagens altamente perigosas que podiam levar tantas almas à perdição e ruína moral. E fica ainda com uma boa história para qualquer curriculum futuro.

Quanto ao inquérito, já responderam; José Blanc, Natércia Freire, Salatte Tavares, Eugénio de Andrade, Ramos Rosa, José Fernandes Fafe, Ruy

Belo, E.M. de Melo e Castro, M.S. Lourenço, Almeida Faria, José Bento, Fernando Guimarães, Rebordão Navarro, Casimiro de Brito e José Augusto Seabra. Espero ainda respostas do Ruy Cinatti, David Mourão Ferreira, Vasco Miranda, Vítor Matos e Sá, Herberto Helder, José Carlos de Vasconcelos e José Terra. O Rui de Sousa respondeu com o artigo acima indicado; o Pedro Tamen mandou um poema que lhe é dedicado. Não responderam Sophia, Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neil, João José Cochofel, Gastão Cruz, Fiama, Maria Luísa Neto Jorge, Eduardo Prado Coelho, Cristovam Pavia e Maria Teresa Horta, além do Dionísio e do Gedeão. O caso da Sophia merece uma explicação à parte: o Sousa Tavares levou sempre bastante a mal o facto de nunca ter sido convidado a colaborar na Revista, o que se devia a uma teimosia do António Alçada que achava que o nome dele não era aconselhável. As razões disso são mais pessoais que outras, mas foi sempre o único ponto em que o Alçada foi intransigente, como Director d'O Tempo e o Modo. Há cerca de um ano, tiveram eles uma explicação violenta em que o caso veio à baila e o António lhe disse que achava ser ele, Sousa Tavares, indesejável para O Tempo e o Modo. O Sousa Tavares respondeu que se ele o era, a Sophia também o seria e a Sophia veio a solidarizar-se com esta posição e a decidir não colaborar mais na Revista. Pessoalmente, lamento muito o caso não tanto pela colaboração de Sousa Tavares (com a qual, aqui para nós, se não perde grande coisa) mas pela da Sophia, de quem sou muito amigo e por quem tenho uma muito grande admiração. Simplesmente, o Alçada não quer dar o braço a torcer e o Francisco também não e embora eu ache que há nisto tudo um pouco de "chantagemzinha" do facto do S. T., pessoalmente até percebo as razões da Sophia. Neste caso, ainda a tentei demover, ela ainda hesitou, mas acabou por me dizer que, embora com muita pena de estar ausente neste número, mantinha a atitude de não colaborar. Para mim, toda esta história tem sido difícil, até porque sou amigo de qualquer deles, embora tenha também já aprendido à minha custa os limites da falta total de senso e de equilíbrio do Francisco, que tornam qualquer relação de trabalho com ele particularmente difícil. Mas isso são já outras histórias, onde também ele acaba por vítima disso tudo e das

[p.3]

Belo, E.M. de Melo e Castro, M. S. Lourenço, Almeida Faria, José Bento, Fernando Guimarães, Rebordão Navarro, Casimiro de Brito e José Augusto Seabra. Espero ainda respostas do Ruy Cinatti, David Mourão Ferreira, Vasco Miranda, Vítor Matos e Sá, Herberto Helder, José Carlos de Vasconcelos e José Terra. O Rui de Sousa respondeu com o artigo acima indicado; o Pedro Tamen mandou um poema que lhe é dedicado. Não responderam Sophia, Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neil, João José Cochofel, Gastão Cruz, Fiama, Maria Luísa Neto Jorge, Eduardo Prado Coelho, Cristovam Pavia e Maria Teresa Horta, além do Dionísio e do Gedeão. O caso da Sophia merece uma explicação à parte: o Sousa Tavares levou sempre bastante a mal o facto de nunca ter sido convidado a colaborar na Revista, o que se devia a uma teimosia do António Alçada que achava que o nome dele não era aconselhável. As razões disso são mais pessoais que outras, mas foi sempre o único ponto em que o Alçada foi intransigente, como Director d'O Tempo e o Modo. Há cerca de um ano, tiveram eles uma explicação violenta em que o caso veio à baila e o António lhe disse que achava ser ele, Sousa Tavares, indesejável para O Tempo e o Modo. O Sousa Tavares respondeu que se ele o era, a Sophia também o seria e a Sophia veio a solidarizar-se com esta posição e a decidir não colaborar mais na Revista. Pessoalmente, lamento muito o caso não tanto pela colaboração de Sousa Tavares (com a

Belo, E. M. de Melo e Castro, M.S. Lourenço, Almeida Faria, José Bento, Fernando Guimarães, Rebordão Navarro, Casimiro de Brito e José Augusto Seabra. Espero ainda respostas do Ruy Cinatti, David Mourão Ferreira, Vasco Miranda, Vítor Matos e Sá, Herberto Helder, José Carlos de Vasconcelos e José Terra. O Rui de Sousa respondeu com o artigo acima indicado; o Pedro Tamen mandou um poema que lhe é dedicado. Não responderam Sophia, Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neil, João José Cochofel, Gastão Cruz, Fiama, Maria Luísa Neto Jorge, Eduardo Prado Coelho, Cristovam Pavia e Maria Teresa Horta, além do Dionísio e do Gedeão. O caso da Sophia merece uma explicação à parte: o Sousa Tavares levou sempre bastante a mal o facto de nunca ter sido convidado a colaborar na Revista, o que se devia a uma teimosia do António Alçada que achava que o nome dele não era aconselhável. As razões disso são mais pessoais que outras, mas foi sempre o único ponto em que o Alçada foi intransigente, como Director d'O Tempo e o Modo. Há cerca de um ano, tiveram eles uma explicação violenta em que o caso veio à baila e o António lhe disse que achava ser ele, Sousa Tavares, indesejável para O Tempo e o Modo. O Sousa Tavares respondeu que se ele o era, a Sophia também o seria e a Sophia veio a solidarizar-se com esta posição e a decidir não colaborar mais na Revista. Pessoalmente, lamento muito o caso não tanto pela colaboração de Sousa Tavares (com a qual, aqui para nós, se não perde grande coisa) mas pela da Sophia, de quem sou muito amigo e por quem tenho uma muito grande admiração. Simplesmente, o Alçada não quer dar o braço a torcer e o Francisco também não e embora eu ache que há nisto tudo um pouco de "chantagezinha" do facto do S. T., pessoalmente até percebo as razões da Sophia. Neste caso, ainda a tentei demover, ela ainda hesitou, mas acabou por me dizer que, embora com muita pena de estar ausente neste número, mantinha a atitude de não colaborar. Para mim, toda esta história tem sido difícil, até porque sou amigo de qualquer deles, embora tenha também já aprendido à minha custa os limites da falta total de senso e de equilíbrio do Francisco, que tornam qualquer relação de trabalho com ele particularmente difícil. Mas isso são já outras histórias, onde também ele acaba por vítima disto tudo e das

[cont. p.3]

qual, aqui para nós, se não perde grande coisa) mas pela da Sophia, de quem sou muito amigo e por quem tenho uma muito grande admiração. Simplesmente, o Alçada não quer dar o braço a torcer e o Francisco também não e embora eu ache que há nisto tudo um pouco de "chantagezinha" da parte do S. T., pessoalmente até percebo as razões da Sophia. Neste caso, ainda a tentei demover, ela ainda hesitou, mas acabou por me dizer que, embora com muita pena de estar ausente neste número, mantinha a atitude de não colaborar. Para mim, toda esta história tem sido difícil, até porque sou amigo de qualquer deles, embora tenha também já aprendido à minha custa os limites da falta total de senso e de equilíbrio do Francisco, que tornam qualquer relação de trabalho com ele particularmente difícil. Mas isso são já outras histórias, onde também ele acaba por vítima disto tudo e das

frustantes circunstâncias da vida a que tem sido levado. Se me demorei nesta explicação, foi para que não visse na ausência de Sophia qualquer abstenção em relação a si, o que não seria verdadeiro. Aliás, eu próprio lhe disse que achava bem que ela lhe escrevesse a expicá-lo. Os outros ou se calaram ou disseram que não respondiam.

Como, entretanto, soube que havia algumas pessoas aborrecidas com o facto de não terem sido convidadas, pedi ainda depoimentos ao Vergílio Ferreira, ao França e ao Régio. Recebi já do primeiro; o segundo vai mandar; o último ainda nada disse.

No seu conjunto, as respostas recebidas são bastante boas e bastante significativas. E, sobre o famoso número, é tudo o que isso tudo me parece significar, o tentei explicar eu na nota de abertura que escrevi. Resta-me dizer-lhe que os depoimentos já recebidos passaram todos na Censura e sem cortes (os do Ruy Belo e Almeida Faria ainda não vieram de lá). Saem ainda no número a crítica do Ruy Belo ao seu livro sobre Camões e a do Palla e Carmo as "Novas Andanças do Demónio".

De resto, tudo vai andando, ou continuando parado. Saem amanhã o n.º 57-58 referente a Fevereiro-Março que está bastante bom e o caderno sobre o Casamento que é uma das coisas mais importantes que fizemos e um documento sensacional. Sob a firma "Sociedade Anónima" (a constituir ainda este mês) a Revista parece que se aguenta e as assinaturas continuam a subir. Continuo convencido que se salvou uma coisa importante e que, melhor ou pior, O Tempo e o Modo é uma das poucas coisas positivas que aqui se fizeram nestes anos sessenta.

Do resto, já deve saber pelos jornais. Lá estive também a levar algumas trauilhadas na cabeça, num ambiente fúnebre de humilhação e impotência.

[p.4]

frustantes [sic] circunstâncias da vida a que tem sido levado. Se me demorei nesta explicação, foi para que não visse na ausência de Sophia qualquer abstenção em relação a si, o que não seria verdadeiro. Aliás, eu próprio lhe disse que achava bem que ela lhe escrevesse a expicá-lo [sic]. Os outros ou se calaram ou disseram que não respondiam.

Como, entretanto, soube que havia algumas pessoas aborrecidas com o facto de não terem sido convidadas, pedi ainda depoimentos ao Vergílio Ferreira, ao França e ao Régio. Recebi já do primeiro; o segundo vai mandar; o último ainda nada disse.

No seu conjunto, as respostas recebidas são bastante boas e bastante significativas. E, sobre o famoso número, é tudo e o que isso tudo me parece significar, o tentei explicar eu na nota de abertura que escrevi. Resta-me dizer-lhe que os depoimentos já recebidos passaram todos na Censura e sem cortes (os do Ruy Belo e Almeida Faria ainda não vieram de lá). Saem ainda no número a crítica do Ruy Belo ao seu livro sobre Camões e a do Palla e Carmo as "Novas Andanças do Demónio".

De resto, tudo vai andando, ou continuando parado. Saem amanhã o n.º 57-58 referente a Fevereiro-Março que está bastante bom e o caderno sobre o Casamento que é uma das coisas mais importantes que fizemos e um documento

frustrantes circunstâncias da vida a que tem sido levado. Se me demorei nesta explicação, foi para que não visse na ausência de Sophia qualquer abstenção em relação a si, o que não seria verdadeiro. Aliás, eu próprio lhe disse que achava bem que ela lhe escrevesse a expicid-lo. Os outros ou se calaram ou disseram que não respondiam.

Como, entretanto, soube que havia algumas pessoas aborrecidas com o facto de não terem sido convidadas, pedi ainda depoimentos ao Vergílio Ferreira, ao França e ao Régio. Recebi já do primeiro; o segundo vai mandar; o último ainda nada disse.

No seu conjunto, as respostas recebidas são bastante boas e bastante significativas. E, sobre o famoso número, é tudo o que isso tudo me parece significar, o tentei explicar eu na nota de abertura que escrevi. Resta-me dizer-lhe que os depoimentos já recebidos passaram todos na Censura e sem cortes (os do Ruy Belo e Almeida Faria ainda não vieram de lá). Saem ainda no número a crítica do Ruy Belo ao seu livro sobre Camões e a do Palla e Carmo as "Novas Andanças do Demónio".

De resto, tudo vai andando, ou continuando parado. Saem amanhã o n.º 57-58 referente a Fevereiro-Março) que está bastante bom e o caderno sobre o Casamento que é uma das coisas mais importantes que fizemos e um documento sensacional. Sob a forma "Sociedade Anónima" (a constituir ainda este mês) a Revista parece que se aguenta e as assinaturas continuam a subir. Continuo convencido que se salvou uma coisa importante e que, melhor ou pior, O Tempo e o Modo é uma das poucas coisas positivas que aqui se fizeram nestes anos sessenta.

Do resto, já deve saber pelos jornais. Lá estive também a levar algumas traulitadas na cabeça, num ambiente fúnebre de humilhação e impotência.

[cont. p.4]

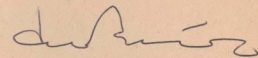
sensacional. Sob a forma "Sociedade Anónima" (a constituir ainda este mês) a Revista parece que se aguenta e as assinaturas continuam a subir. Continuo convencido que se salvou uma coisa importante e que, melhor ou pior, O Tempo e o Modo é uma das poucas coisas positivas que aqui se fizeram nestes anos sessenta.

Do resto, já deve saber pelos jornais. Lá estive também a levar algumas traulitadas na cabeça, num ambiente fúnebre de humilhação e impotência.

5

*As perspectivas - um mínimo de lucidez obriga a dizê-lo - são nulas e isto só
pode piorar até à dissolução final que pode ainda levar mais tempo que nos res-
ta para viver.*

Um grande abraço do seu muito amigo e admirador



João Bénard da Costa

[p.5]

As perspectivas - um mínimo de lucidez obriga a dizê-lo - são nulas
e isto só pode piorar até à dissolução final que pode ainda levar
mais tempo que o tempo que nos resta para viver.

Um grande abraço do seu muito amigo e
admirador

João Bénard da Costa